 **SOS PRISÕES**

**Ex.mos. Senhores**

**Provedor de Justiça; Inspecção-Geral dos Serviços de Justiça; Ministro da Justiça1;**

**C/c**

**Presidente da República; Presidente da Assembleia da República; Presidente da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias da A.R.; Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados; Comissão Nacional para os Direitos Humanos**

**Lisboa, 06-01-2013**

**N.Refª n.º 03/apd/13**

**Assunto**: **denúncia de abuso, mentira e maus tratos no E.P do Linhó**

Jorge Manuel Rocha dos Santos está preso no EP Linhó com nº146.

Dia 16 de dezembro – Jorge Santos sofreu retaliações por parte de um grupo de reclusos que tentaram intimidá-lo, saqueá-lo, agredi-lo.

O Jorge conseguiu escapar aos reclusos e pediu ajuda ao chefe Martins e aos guardas que nesse dia estavam de serviço. O chefe Martins limitou-se a fechá-lo na sua cela durante 2 dias sem comida, nem qualquer visita sem ao menos saber o que se tinha passado.

Dia 17 de dezembro - o Jorge conseguiu que um recluso seu amigo ligasse para a família a avisar do sucedido pois ele estava com medo de sair da cela com medo do que os outros reclusos que o ameaçaram poderiam fazer.

A irmã nesse mesmo dia, às 22:22, telefonou para o EP do Linhó para saber notícias do irmão e ao mesmo tempo pedir ajuda aos guardas e educadora deste.

Falou com o guarda Nunes que confirmou que o Jorge estava fechado na sua cela porque queria e que ele não queria comer. Confirmou ainda que ele estava bem, que estava tudo bem.

Depois de muita insistência por parte da irmã, o guarda Nunes disse-lhe para ligar mais tarde e falasse com o chefe pois este estava a jantar e não estava de serviço.

Ligou 30 min mais tarde e foi-lhe dito que estava muito ocupado e não a podia atender.

A irmã por seu lado tentou alertar o guarda Nunes e pediu que fosse dado o recado ao chefe Azevedo e ao chefe Martins que se eventualmente acontecesse alguma coisa de grave ao irmão seria da inteira responsabilidade deles.

No dia seguinte de manhã, 18 de dezembro, a irmã voltou a ligar e falou com a guarda Vanessa que a muito custo passou a chamada ao chefe Mira com o qual falou. A irmã voltou a chamar o chefe Mira à responsabilidade pedindo que ajudasse o Jorge.

Às 11:06 da manhã desse dia, a irmã recebeu uma chamada da educadora do Jorge, Maria Daniela, que confirmou que esteve com o mesmo fisicamente e que ele se encontrava bem (depois de estar 2 dias sem comer e aterrorizado com o que lhe poderiam fazer se saísse da sua cela, imaginamos). Segundo a educadora ele ia ser mudado da ala B para a ala C, local onde não correria perigo de vida e que a Diretora do EP estaria a tratar da sua transferência com urgência uma vez que o Jorge disse o nome dos reclusos que o tinham ameaçado, denunciando-os.

Durante alguns dias, poucos, a família ficou descansada porque sabia que o Jorge estava numa ala diferente, separado dos reclusos que lhe queriam mal, mas ficou até ao dia de Natal sem poder sair da cela em que se encontrava, sendo-lhe levadas as refeições. Nunca, em todos esses dias teve ordem de sair da cela para ir ao pátio.

No dia 26 de dezembro a irmã ligou para o EP para falar com a educadora Maria Daniela acerca do seu irmão. Conseguiu falar com esta às 11:15 da manhã. A educadora garantiu à irmã que o Jorge estava bem e que um pouco antes tinha estado a falar com o chefe Martins. Que iria ser mudado de ala novamente. Para espanto de todos o Jorge ia ser mandado de volta para a ala B onde tinha estado. A irmã questionou a educadora se seria seguro o irmão voltar para lá e a educadora garantiu que o chefe Martins teria tido em atenção a questão da segurança, sobretudo porque o Jorge denunciou os seus agressores.

Não é necessário dizer que toda a família ficou preocupada.

Mais uma vez ficámos sem saber notícias do Jorge durante mais alguns dias até que na 6ª feira, 28 de dezembro, as 9:29, recebemos uma chamada do Jorge do Hospital Prisional de Caxias.

Tinha sido transferido para lá na 4ª feira, 26 de dezembro, no dia em que a irmã falou com a educadora e esta lhe tinha garantido que o Jorge estava bem.

Nesse dia 26 de dezembro, 2 guardas foram à cela do Jorge na ala c para o informar que deveria pegar nas suas coisas e voltar para a ala B por ordem do chefe Martins. O Jorge recusou e foram chamar o chefe. O Jorge estava muito assustado por estar a ser enviado de volta para a ala B e reagiu de forma violenta o que provocou a sua transferência para o Hospital de Caxias onde se encontra na ala de Psiquiatria desde o dia 28 de dezembro.

Antes de sair do Linhó o Jorge foi ameaçado pelo chefe Martins que assim que voltasse de Caxias iria para o pavilhão para ser castigado por ter sido violento.

O Jorge não pôde levar qualquer roupa para Caxias, não o deixaram levar roupa interior nem objectos de higiene pessoal.

Felizmente em Caxias foi bem tratado pelos serviços.

Num dos dias falou com o Director de Caxias a quem contou tudo o que se tinha passado no EP do Linhó e foi feita uma denúncia para os Serviços Prisionais de toda a situação, de acordo com o Jorge.

O Jorge já teve visitas em Caxias, mas está muito nervoso e assustado devido à ameaça que lhe foi feita pelo chefe Martins de ir para o pavilhão de castigo.

Pergunta-se:

1 - Por que motivo o chefe Martins mandou o Jorge de volta para a ala B depois de ele ter denunciado os seus agressores?

2- Por que motivo a educadora mentiu ao dizer naquele dia 26 de dezembro que o Jorge estava bem e que ia voltar para a ala B?

3- Por que motivo o Jorge foi ameaçado mesmo antes de ser transferido para Caxias que iria para o pavilhão assim que voltasse para o Linhó?

4- Por que motivo impediram o Jorge de levar roupa interior para Caxias?

5- Por que motivo não trataram da transferência do Jorge para outro EP com mais celeridade tendo em conta que denunciou os seus agressores?

O Jorge não pode, sem riscos incalculáveis – dada a falta de segurança organizada do modo como foi descrito – voltar para o EP do Linhó tendo em consideração as ameaças que lhe foram feitas por presos e guardas, e a falta de respeito e maus tratos de que foi alvo.

A ACED, em nome da família e do recluso reclama junto de quem de direito acções preventivas de mais distúrbios neste caso.

A Direcção